



Pró-Reitoria Acadêmica
***Lato Sensu* em Especialização em Educação Infantil**
Trabalho de Conclusão de Curso

**A CONTRIBUIÇÃO DO BRINCAR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DAS
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Autora: Lilia de Sá Teixeira
Orientador: Prof. Msc. José Ivaldo Araújo de Lucena

Brasília – DF
2017

LILIA DE SÁ TEIXEIRA

**A CONTRIBUIÇÃO DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA
AUTONOMIA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade Católica de Brasília – UCB, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientador: Prof. Msc. José Ivaldo Araújo de Lucena

**Brasília – DF
2017**



Artigo de autoria de Lilia de Sá Teixeira, intitulado “A CONTRIBUIÇÃO DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”, apresentado como requisito parcial para obtenção do certificado de Professor Especialista em Educação Infantil da Universidade Católica de Brasília, em 08 de março de 2017, defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Msc. JoséIVALDO Araújo de Lucena
Orientador
(Educação Infantil) – UCB

Profª Msc. Chris Alves da Silva
Examinadora
(Educação Infantil) – UCB

Dedico a presente pesquisa primeiramente a Deus, que me deu forças e sabedoria para concluir o curso, ao meu filho Elias, que está por vir, e aos meus pais que são meu alicerce.

Brasília – DF
2017

A CONTRIBUIÇÃO DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

LILIA DE SÁ TEIXEIRA

RESUMO:

O presente estudo tem como objetivo analisar de que forma o brincar pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia de alunos de 4 a 5 anos de idade, da Educação Infantil, bem como conhecer as estratégias pedagógicas promovidas pelos professores em sala de aula. Para tanto, realizou-se a pesquisa de campo, de caráter qualitativo, em uma escola privada do Distrito Federal, utilizando, como instrumentos para o levantamento dos dados, a entrevista e a observação. A análise e a interpretação dos dados foram realizadas na perspectiva da análise de conteúdo. Ressaltamos os principais dados: concepção da professora sobre o conceito de autonomia na Educação Infantil, como o brincar pode contribuir para o alcance da autonomia, as ações realizadas pelos professores para a realização da aprendizagem, e a sua postura diante dos desafios encontrados. Compreende-se que a atuação do professor em conjunto com a escola é indispensável para que a criança encontre referências para obter sucesso e autoconfiança, elementos que integrarão a sua vida, favorecendo, assim, o desenvolvimento da autonomia, tornando-a mais independente, crítica e reflexiva.

Palavras-chave: Brincar. Autonomia. Educação Infantil. Papel do Professor.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo busca identificar como o professor pode inserir no processo de ensino e de aprendizagem atividades lúdicas que permitam que seus alunos se tornem sujeitos mais independentes e autônomos. Pretende ainda proporcionar uma reflexão sobre a importância do brincar como ferramenta para o desenvolvimento da autonomia na educação infantil, bem como contribuir para a formação de sujeitos críticos e reflexivos.

O ser humano, em todos os momentos da sua vida, é desafiado a superar situações complexas, ante as quais precisa fazer escolhas. Em todos os instantes são necessárias tomadas de decisão, e essas escolhas influenciam positiva ou negativamente em sua vida. Para as crianças da Educação Infantil essa realidade não é diferente, pois as situações também são colocadas, exigindo igualmente uma tomada de decisão. A grande diferença é que no adulto há uma consciência mais amadurecida sobre as causas e consequências das escolhas feitas; já para a criança tudo ainda é muito novo porque ela se encontra em processo de descoberta.

Ao fazer essa reflexão, quase que necessariamente vem o questionamento: Será que os educadores estão construindo sujeitos curiosos, independentes e autônomos, ou está se dando pouca importância para a capacidade de refletir, principalmente quando se trata da Educação Infantil?

Considerando a importância do tema, é imprescindível trabalhar o desenvolvimento da autonomia em sala de aula, estimulando a criança para a escolha entre várias opções ou instigando-a para a realização de tarefas simples, como escovar os dentes sozinha, organizar seus materiais escolares etc. O simples fato de a criança fazer sozinha algumas tarefas, já constitui um grande passo para o desenvolvimento de sua autonomia, pois ao se trabalhar pequenas coisas,

procedimentos simples em seu dia a dia, isso fará com que se torne gradativamente mais independente.

Na sociedade humana contemporânea, cada vez mais competitiva, em que o mercado de trabalho pede cada vez mais qualificação dos seus empregados, torna-se sempre mais visível que apenas alguns profissionais com autonomia conseguem destacar-se exitosamente diante dos demais.

A fase da Educação Infantil representa uma etapa de grande significado em sua vida de criança. Constitui o momento em que ocorre um processo de transição do seu mundo, a sua casa, para a escola, um ambiente de maior socialização em meio às muitas diferenças, sejam elas culturais e afetivas, em que a criança está processando a estruturação de sua personalidade. Os seres humanos todos são carregados de sentimentos, sejam bons ou ruins, e que vão sendo automaticamente compartilhados entre as pessoas com as quais se convive.

A escolha desse tema surgiu da vontade de saber como o professor da Educação Infantil tem propiciado o desenvolvimento da autonomia dos seus alunos no dia a dia de sala de aula, levando em consideração o respeito e a individualidade da criança. Tal inquietação ocorreu ao observar que atualmente as crianças têm cada vez mais poder de decisão e em algumas situações, mostram-se mais autônomas em suas escolhas. Também a preocupação em saber até que ponto o desenvolvimento da autonomia pode ser bom ou ruim no processo de ensino e de aprendizagem do aluno justifica essa reflexão.

O estudo pretende também contribuir, ainda que preliminarmente, no campo do conhecimento, uma vez que os achados poderão promover no leitor o despertar de uma visão acerca dos resultados obtidos, levando-se assim à ruptura de percepções até então construídas, podendo requerer dos professores dos anos iniciais uma nova postura em sua prática na sala de aula, dando importância ao desenvolvimento da autonomia de uma forma lúdica, mediante o brincar.

Seguramente, outra razão para a realização deste estudo centra-se na importância de se pensar o ensino a partir do contexto do aluno, ressaltando o papel do professor e da escola no processo de desenvolvimento da autonomia dos seus alunos, como mediadores e como corresponsáveis na construção dessa autonomia. O estudo contribui para alertar sobre a forma como a escola tem se posicionado diante das atividades propostas em seu planejamento em parceria com o professor e o que tem feito para incentivar os professores em relação a essa questão.

É nesse contexto que se apresenta a relevância da pesquisa, procurando trazer uma contribuição a todos os educadores, como material para estudo, principalmente para aqueles que estão em processo de formação.

Serve de referência aos professores que realmente tenham como objetivo o compromisso de desempenhar o seu papel de educadores no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, garantindo-lhes uma educação voltada para a formação de cidadãos autônomos, críticos, criativos e participativos, capazes de tomar decisões, argumentar e de conviver bem socialmente, seguindo valores como participação, respeito e cooperação.

A pesquisa contribui também para a formação continuada pessoal como educadora, para saber lidar com os desafios da nova geração encontrados no espaço escolar, cabendo ajudá-la no processo de desenvolvimento da autonomia, sempre respeitando as particularidades de cada turma. O estudo também serve para incentivar os educadores a buscar novos conhecimentos por meio da formação continuada.

Enquanto objetivo geral, este estudo buscou identificar como o brincar pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia de crianças do 3º período da Educação Infantil, numa escola do Distrito Federal (DF).

Enquanto objetivos específicos, pretendeu-se compreender o efeito da autonomia na aprendizagem de crianças de uma turma da Educação Infantil de uma escola do DF; compreender as ações lúdicas que fazem parte do trabalho pedagógico e que contribuem para o desenvolvimento da autonomia das crianças no seu processo de aprendizagem através do brincar; investigar de que forma o professor percebe o desenvolvimento da autonomia dos educandos na sala de aula.

Para entender o processo de desenvolvimento da autonomia na Educação Infantil, o estudo buscou responder as seguintes questões:

- Quais os fatores que contribuem diretamente no processo do desenvolvimento da autonomia da criança?
- Quais são as estratégias lúdicas existentes em sala de aula que contribuem para esse processo?
- Quais são os impactos da autonomia no processo de aprendizagem da criança?
- Quais estratégias pedagógicas podem ser assumidas pelos professores para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes em sala de aula?

Esses questionamentos delinearão a seguinte questão-problema de estudo: Como o brincar na Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia das crianças?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: ASPECTOS LEGAIS

A Educação Infantil continua passando por grandes transformações nos últimos tempos. Com o seu reconhecimento como etapa fundamental para o desenvolvimento do aprender, passa a desempenhar um importante papel no processo de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem da criança. Constitui a primeira etapa da infância, uma fase transitória mediante a qual a criança passa do ambiente familiar, dos cuidados do seu lar e da família, para o processo de aprendizagem da creche, da educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, e vai se integrando num convívio repleto de diversidade, portanto, uma fase de intensas descobertas e mudanças.

A Educação Infantil, cada vez mais considerada uma etapa de suma importância, exige alguns cuidados que precisam ser levados em consideração para que a criança obtenha pleno desenvolvimento em sua aprendizagem.

No Brasil, o direito à educação está previsto na Constituição Federal de 1988, no artigo 205, assim expresso:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Com o reconhecimento da Educação Infantil na Constituição (BRASIL, 1988) como direito de todos e dever do Estado, percebe-se o quanto o olhar para a educação das crianças vem se aprimorando.

O campo da Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. Em especial, têm se mostrado prioritárias as discussões sobre como orientar o trabalho junto às crianças de até três anos em creches e como assegurar práticas junto às crianças de quatro e cinco anos que prevejam formas de garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental (BRASIL, 2010, p. 7).

Em julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente também reafirmou, em seu artigo 54, inciso IV: “É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente (...) atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1990).

Assim, em 1996, pela primeira vez no Brasil, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394, a Educação Infantil passa a integrar a Educação Básica, juntamente com o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Segundo essa lei,

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Seguindo nesse contexto, a Educação Infantil passa a ter como obrigação contribuir no processo da formação do sujeito infantil, vendo a criança como ser humano, portadora de direitos, sendo a infância entendida como a pluralidade de experiências das crianças.

Atualmente, com as novas alterações, há uma nova determinação incorporada à Lei de Diretrizes e Bases, Lei n. 9.394/96, sancionada pela presidente Dilma Rousseff, em 4 de abril de 2013, estipulando a gratuidade e obrigatoriedade da educação básica dos 4 aos 17 anos de idade, sendo de inteira responsabilidade dos pais matricular seus filhos. “É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 anos de idade”, conforme a artigo 6º, da Lei n. 12.796 (BRASIL, 2013).

Nessa perspectiva, a Educação Infantil passa a ser oferecida em creches e séries iniciais, em escolas, centros ou núcleos de Educação Infantil, independentemente da denominação ou do nome fantasia que adotem as instituições, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos, constituindo-se em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2010).

As instituições de Educação Infantil podem ser públicas ou privadas. As públicas são criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo poder público federal, estadual, distrital ou municipal. E as instituições privadas são mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado (BRASIL, 1996), e se organizam em dois grupos: As escolas particulares com fins lucrativos, e as comunitárias, confessionais e filantrópicas, sem fins lucrativos, definidas da seguinte forma:

Instituições comunitárias: são constituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas de professores e alunos, que incluam em sua entidade mantenedora representantes da comunidade (BRASIL, 1996);

Instituições confessionais: são constituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem à orientação confessional e ideologias específicas e ao disposto no inciso anterior (BRASIL, 1996);

Instituições filantrópicas: são constituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, de direito privado, e possuem o Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (Cebas).

Para que a criança desenvolva habilidades e competências na Educação Infantil, é necessário que também os profissionais e familiares estejam envolvidos e preocupados com a qualidade do ensino, pois, de acordo com as leis que regem a Educação Infantil, a família tem importância fundamental no processo de escolarização de seus filhos (BRASIL, 1996).

A Educação Infantil é um momento de escolarização de suma importância; por isso, a criança que frequenta o ambiente escolar, desde cedo deve participar de uma escola que tenha uma proposta pedagógica consistente e um currículo que dê significado às ações educativas, para que se

desenvolva plenamente. Considera-se como muito necessário a idealização de um currículo na Educação Infantil, como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2009).

Segundo a Resolução n. 5/2009, artigo 6º, do Conselho Nacional de Educação, as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2009).

Portanto, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), as instituições de ensino voltadas para a Educação Infantil devem oferecer um ambiente de acolhimento que dê segurança e confiança a todas as crianças, garantido a oportunidade para que elas sejam capazes de:

Ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades, e agindo de acordo com elas; identificar e enfrentar situações de conflito, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade (BRASIL, 1998, p. 27).

Contudo, a Educação Infantil nada mais é que o começo de um processo de desenvolvimento da criança, mediante o qual ela possa desenvolver e descobrir conceitos mais concretos sobre si mesma, ampliando o seu conhecimento e desenvolvimento pessoal, social e crítico.

2.2 AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“O primeiro instinto da criança é agir sozinha, sem a ajuda de outrem, e o seu primeiro ato consciente de independência é defender-se dos que procuram ajudá-la” (MONTESSORI, 1949, p. 81). Para Maria Montessori a busca pela autonomia e pela construção da própria personalidade está presente na criança desde o seu nascimento, em todos os seus estágios evolutivos. O alcance desta independência física e mental da criança dá-se através de seu esforço individual, à medida que lhe são oferecidas as devidas condições.

As mudanças são inevitáveis na vida de todo ser humano, passando constantemente por transformações no seu dia a dia, tanto na infância, quanto na fase adulta. Para o adulto é mais fácil lidar com essas mudanças de uma forma mais consciente. Já para as crianças essas mudanças e transformações são mais intensas, pois elas estão em processo de formação da sua personalidade, sendo que nos primeiros anos de vida as crianças começam a se descobrir, a fazer sua própria leitura de mundo, com suas próprias ideias, pensamentos e concepções.

Com todas as mudanças e transformações ocorrendo, a sociedade também vem exigindo cada vez mais que os adultos sejam independentes, seguros e criativos. Nesse sentido, o presente estudo vem destacar a importância do desenvolvimento da autonomia na primeira fase da vida educacional da criança, a Educação Infantil, como sendo um passo de fundamental importância para o pleno desenvolvimento de sua aprendizagem e da sua autonomia.

O desenvolvimento da autonomia na primeira infância é uma condição primordial para a construção de uma personalidade saudável, possibilitando que no futuro, em sua adolescência e na vida adulta, tenha a capacidade de resolver conflitos de forma crítica, coerente e assertiva.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) recomendam que as instituições de Educação Infantil “possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar” (BRASIL, 2010, p. 27).

Para tanto, é importante ressaltar que a Educação Infantil está baseada na aquisição de aprendizagens significativas e no desenvolvimento de habilidades e competências. Dessa forma, compreende-se que a criança é um sujeito ativo no universo da escola, que pode entender os diferentes papéis a serem desenvolvidos na vida familiar, na comunidade e nos grupos sociais, construindo a sua própria identidade e autonomia (BRASIL, 1998).

Nessa perspectiva, o ambiente escolar é um espaço ideal para o desenvolvimento da autonomia na criança, porque é nesse espaço que ela adquire (ou deveria) aprendizagens significativas.

Assim sendo, Hanna Arendt explicita que “[...] a escola representa em certo sentido o mundo, embora não seja ainda o mundo de fato. Na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos nele” (ARENDR, 1972, p. 238-239).

A autonomia no contexto desta análise é a capacidade da criança de manifestar independência, suas preferências e escolhas por uma atividade ou brincadeira, sendo um exercício para a cidadania, sendo-lhe requerido organizar seu próprio material escolar, arrumar seu espaço, tomar banho, comer sozinha, escolher o que comer, realizar as lições de casa, resolver seus pequenos conflitos com os colegas etc. Infelizmente, tem sido comum observar-se adultos julgando as crianças como incapazes de realizar pequenas tarefas diárias com responsabilidade.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil assim define:

A autonomia, definida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, é nessa faixa etária, mais do que um objetivo a ser alcançado com as crianças um princípio das ações educativas (BRASIL, 1998, p. 14).

Piaget (apud BATTRO, 1978, p. 42) ressalta que autonomia é uma “atividade disciplinada ou autodisciplinada”. Ainda de acordo com o autor, a autonomia está entre a anomia e a heteronomia e igualmente distante das duas; a primeira é própria ao egocentrismo e à inércia, enquanto a segunda, própria à coerção e da atividade forçada.

A educação para a autonomia significa considerar a criança como um ser com vontade própria, capaz e competente para construir conhecimentos e dentro de suas possibilidades, interferir no meio em que vive, e no futuro se tornar pessoa capaz de posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 12),

[...] a criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Importante destacar que um dos objetivos descritos no RCNEI para a Educação Infantil de crianças de 0 a 3 anos de idade, é a garantia de que sejam capazes de “experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia” (BRASIL, 1998, p. 27).

Para o desenvolvimento da autonomia em crianças na faixa etária de 4 a 6 anos, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil também apresenta conteúdos apropriados para esse período educativo, fazendo menção a aspectos e ações importantes, tais como:

[...]Iniciativa para resolver pequenos problemas do cotidiano, pedindo ajuda se necessário; participação em situações de brincadeira nas quais as crianças escolham os parceiros, os objetos, os temas, o espaço e as personagens; valorização do diálogo como uma forma de lidar com os conflitos; participação em situações que envolvam a combinação de algumas regras de convivência em grupo e aquelas referentes ao uso dos materiais e do espaço, quando isso for pertinente (BRASIL, 1998, p. 36-37).

Diante do exposto, percebe-se a importância do desenvolvimento da autonomia nas séries iniciais para o desempenho das crianças quanto à tomada de decisão e independência perante atividades cotidianas em sala de aula, tornando-as capazes de julgar e agir com responsabilidade, respeitando seus valores.

Todo ato de educar, na verdade, constitui-se em um processo que vai se realizando mediante sucessivos e consequentes pequenos passos. Ensinar para a autonomia exige, pois, paciência e trabalho árduo, sendo de fundamental importância que os docentes que trabalham com crianças nessa faixa etária, tenham um conhecimento aprofundado das diretrizes fornecidas pelo Ministério da Educação para esse segmento da Educação Básica, entendendo-se que é no cotidiano escolar que o professor mostra às crianças que existem tarefas e que elas são capazes de resolvê-las sozinhas e com responsabilidade.

O desenvolvimento da autonomia é importante para que o aluno assuma um papel ativo na sua própria aprendizagem. Na prática, só é possível que o aluno venha a assumir esse papel se o professor, por sua vez, for delegando responsabilidades e ensinando-o a assumir tarefas.

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade (ABREU; MASETTO, 1990, p. 115).

Nesse sentido, o professor deve ter clareza sobre o seu papel de facilitador, visando à formação de seus alunos como cidadãos conscientes de seus atos, críticos e descobridores do mundo. Entende-se que para favorecer o desenvolvimento da autonomia é necessário que o educador compreenda os modos próprios que a criança tem de se relacionar, agir, sentir, pensar e construir conhecimentos, exercendo assim sua atribuição básica de mediação pedagógica.

O respeito pela criança é condição básica para o desenvolvimento da autonomia, de acordo com DeVries e Zan (1999). Para as autoras, existem três modos de praticar respeito pelas crianças: envolvê-las na elaboração das regras da sala; usar alternativas cooperativas para a disciplina; promover a resolução de conflitos entre elas. Esses três pontos apresentam-se como alternativas ou caminhos para a evolução autonômica da criança.

O desenvolvimento da autonomia está diretamente relacionado com os processos de socialização. É na interação social que ocorre a ampliação de laços afetivos com as outras crianças e com os adultos. Promover essa autonomia na primeira fase da educação infantil é perceber seu aluno como um ser pensante, que tem opiniões e que poderá contribuir de alguma forma para uma sociedade mais justa.

2.3 O BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

Para a criança, o ato de brincar já faz parte da sua vida desde cedo, tornando-se mais proveitosa e prazerosa com o passar do tempo.

Nessa linha de raciocínio, Carvalho et al. (1992, p. 14) afirmam que:

[...] desde muito cedo o jogo na vida da criança é de fundamental importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos e mentais e sem se sentir coagida pelo adulto, começa a ter sentimentos de liberdade, portanto, real valor e atenção às atividades vivenciadas naquele instante.

Percebemos ainda que com o passar dos tempos, estão mais presentes estudos que apontam a importância do brincar nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento da criança. A simples ação do brincar da criança é um fator de grande importância para o seu desenvolvimento integral, envolvendo os aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo.

Destaca-se, também, que o brincar é uma considerável forma de comunicação, sendo que por meio desse ato a criança reproduz o seu cotidiano, possibilitando no seu processo de aprendizagem a construção de ideias, reflexões e o desenvolvimento da autonomia e da criatividade, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita entre o brincar e a aprendizagem.

Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) também ressalta:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p. 22).

Com base nesse Referencial, destaca-se o quanto o brincar é uma ferramenta essencial que proporciona na criança o desenvolvimento da autonomia, pois, mesmo quando pequena, de alguma forma ela toma decisões, escolhe o que quer fazer, interage com as pessoas, expressa o que sabe fazer e mostra, em seus gestos e ações, a sua capacidade de compreender o mundo.

Vygotsky (1984) atribui relevante papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil. É brincando, jogando, que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos.

Segundo Borba (2006), no brincar as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras. Nesse processo, instituem coletivamente uma ordem social que rege as relações entre pares e se afirmam como autoras de suas práticas sociais e culturais. Constitui-se, pois, uma forma de a criança expressar com ações sua realidade.

Portanto, diante do exposto, entende-se ser necessário que o educador considere a criança como um ser ativo, explorador, criativo e criador, um ser capaz de produzir seu próprio sentido de mundo, e não o de repetir padrões já existentes. Isto parece indicar que é preciso criar um espaço que lhe dê apoio de forma que incentive sua autoria e autonomia, permitindo prosseguir, testar suas hipóteses, experimentar e experienciar novas formas de relação que contribuam para a diversificação de suas possibilidades.

2.4 O PAPEL DO PROFESSOR EM SALA DE AULA

O professor exerce um papel de relevância, primeiramente por ser a figura adulta e o único responsável pela educação dos educandos em sala de aula; em segundo lugar, por ser espelho, exemplo e referência para a criança. Assim sendo, o educador fica com a responsabilidade em conduzir, direcionar e administrar a relação com e entre os educandos, principalmente quando se trata do processo de ensino e de aprendizagem no contexto escolar.

O artigo 13, da Lei de Diretrizes e Bases – Lei n. 9.394/96 (BRASIL, 1996), afirma: “Os docentes incumbir-se-ão de zelar pela aprendizagem dos alunos”. Nesse contexto, o professor em sala de aula tem como objetivo o desenvolvimento da aprendizagem e conteúdos, competências e

habilidades acadêmicas, além de promover entre os alunos a autoestima, a estabilidade, capacidade de fazer amigos e de socializar-se, porque ele é o mediador na construção do conhecimento do seu aluno.

Segundo Morales (1998, p. 61), “a conduta do professor influi sobre a motivação, a afetividade e a dedicação do aluno ao aprendizado”. Sendo assim, o professor exerce o papel de destaque nessa parceria com o educando, pois a forma que o professor conduz o aprendizado e seu direcionamento requer uma postura ativa de reflexão, de autoavaliação e de estudo constante.

No processo de ensino e de aprendizagem, educador e aluno mantêm diariamente uma troca de saberes, em que os professores, ao ensinar, aprendem com os alunos e os alunos, ao aprender, ensinam aos professores. Essa troca, conseqüentemente, os elevará a uma relação de confiança, e daí a importância de o educador conhecer e respeitar os limites, as dificuldades e as opiniões dos educandos.

Nessa linha de compreensão também segue o grande pensador da educação, o brasileiro Paulo Freire:

O bom educador é o que consegue enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim, um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 96).

De acordo com esse ponto de vista, o professor intervém de forma ativa junto ao aluno e consegue alcançar a autoridade com autonomia e participação consciente e responsável em sala de aula.

É por meio dessa troca que a criança desenvolve a construção da aprendizagem, promovendo a interação social. No Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 31) afirma-se:

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima.

Nesse sentido, cabe ao professor contribuir para a formação de seus alunos como cidadãos conscientes de seus atos e críticos na realização dos trabalhos, projetos ou qualquer outra atividade que desenvolva a autonomia.

No ensino voltado para a autonomia, o professor, por um lado, deixa de ser a figura central na sala de aula, e passa a ser o mediador ou o motivador dos alunos. Segundo Freire (1996), o professor é responsável pelo bom desenvolvimento dos alunos; portanto, ele não pode considerar a autonomia do aluno como algo que ele pode ou não conceder quando quiser, porque se agir assim, estará transgredindo um imperativo ético.

O professor que não respeita a curiosidade do aluno, seus gostos, que minimiza as crianças, que regula as atitudes dos alunos ao menor sinal de rebeldia e também não impõe limites, ultrapassa os princípios éticos e fundamentais, e qualquer tipo de discriminação é inaceitável. Por essa razão, é importante estar atento para que as crianças não tenham esse direito à autonomia desrespeitado. Se o professor realmente deseja trabalhar adequadamente, respeitará a autonomia e a identidade do seu aluno fazendo uso de uma prática coerente em sala de aula.

De acordo com o RCNEI, “para favorecer o desenvolvimento da autonomia é necessário que o professor compreenda os modos próprios de as crianças se relacionarem, agirem, sentirem, pensarem e construírem conhecimentos” (BRASIL, 1998, p. 40).

Outro aspecto que contribui para o desenvolvimento da autonomia consiste em a criança ter

referências para situar-se na rotina da instituição. A rotina também exerce seu papel na construção da autonomia da criança, pois ela é a estrutura do cotidiano em creches e na Educação Infantil. São práticas educativas previamente definidas e planejadas pelo professor para o trabalho com as crianças, sendo importante que sejam planejadas para assegurar a qualidade e acolher as novidades. As práticas pedagógicas devem ter estruturas diferenciadas, pois as necessidades e possibilidades dos grupos são diferentes, ainda que dentro de uma mesma instituição.

O conhecimento da sequência da rotina é também fator que favorece o desenvolvimento da autonomia. Pode-se pensar em organizá-lo por meio de instrumentos que se utilizem das novas conquistas no plano da representação, ou seja, a crescente familiarização com linguagens gráficas, como o desenho e a escrita. Assim, a elaboração de quadros e tabelas onde as atividades fixas de cada dia da semana estejam registradas pode constituir-se numa interessante atividade. Uma vez produzida a tabela, constitui-se num instrumento a ser consultado pelas crianças para poderem se guiar com mais independência na sucessão de atividades a serem realizadas (BRASIL, 1998, p. 40).

Portanto, o educador que proporcionar uma rotina aos educandos de forma lúdica, contribui para promover a autonomia dos alunos.

Finalizando esse item da reflexão convém trazer o que aponta Gonzaga (2009, p. 39):

[...] a essência do bom professor está na habilidade de planejar metas para a aprendizagem das crianças, mediar suas experiências, auxiliar no uso das diferentes linguagens, realizar intervenções e mudar a rota quando necessário. Talvez, os bons professores sejam os que respeitam as crianças e por isso levam qualidade lúdica para a sua prática pedagógica.

Seguindo nesse contexto, entende-se que o papel do professor é de fundamental importância na condução dos educandos, pois um professor que tem a consciência de educar seus alunos com o objetivo de levá-los à reflexão de seus atos e que sejam responsáveis por suas ações, contribui de forma significativa para a construção de uma sociedade melhor e de um ser humano mais autônomo.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo buscou fazer a análise de como o professor desenvolve a autonomia através do brincar com seus alunos em sala de aula na Educação Infantil. Teve como foco o interesse em entender os fenômenos, compreender e descrever as diferentes opiniões dos educadores do 3º período da Educação Infantil.

Utilizou-se como forma de pesquisa o método de natureza qualitativa, exploratória e explicativa, análise e interpretação dos dados, em concordância com as determinações da análise de conteúdo.

O mesmo teve como procedimento de coleta de dados um questionário, contendo perguntas objetivas e subjetivas, e entrevista semiestruturada, realizado em uma escola do Distrito Federal, sendo que o questionário foi aplicado somente aos professores.

De acordo com a compreensão de Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Também de acordo Chizzotti (2006, p. 2), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Para este estudo, os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas. De acordo com Trivinos (1987, apud MANZINI, 2004), esse tipo de entrevista contribui para a

compreensão e descrição dos fenômenos sociais em sua totalidade, por ter um roteiro flexível de possíveis perguntas que nortearão a entrevista, visando atingir o objetivo da pesquisa.

Franco (2007, p. 27) afirma que os resultados da análise de conteúdo “devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas”. Para a autora, a fala humana é sujeita a inúmeras interpretações, possibilitando gerar conclusões, o que constitui a parte principal da análise de conteúdo, sendo o procedimento intermediário vai permitir a passagem, explícita e controlada, da descrição da interpretação.

A autora afirma ainda que “o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (FRANCO, 2007, p. 190). Dessa forma, é possível assegurar que o pesquisador tem seu próprio meio de interpretação, tendo à disposição maneiras diversas de compreender, analisar e desenvolver interpretações diante das informações dadas pelo seu autor.

A pesquisa qualitativa foi acolhida porque não se preocupa prioritariamente com representatividade numérica, mas, antes, com o aprofundamento da compreensão e decodificação de uma situação de um grupo social, de uma organização, considerando que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

A presente pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2016, com duas professoras do 3º período da Educação Infantil de uma escola da rede privada de ensino, no Distrito Federal, que atende crianças de 0 a 5 anos de idade.

Os dados desta pesquisa foram coletados em três etapas:

Na primeira etapa, por meio da observação de duas salas do 3º período, previamente indicadas pela coordenação pedagógica da escola em turmas nas quais houve o interesse no desenvolvimento da autonomia;

Na segunda etapa, foi realizada a entrevista semiestruturada com as duas professoras das respectivas turmas, a respeito do processo de construção da autonomia dos educandos, sempre com o escopo de verificar suas opiniões sobre o assunto. A entrevista foi gravada com a prévia autorização das pesquisadas;

Na terceira e última etapa, os dados foram tabulados e analisados buscando dar resposta às hipóteses e aos objetivos desta pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi o questionário, contendo 4 (quatro) perguntas objetivas, sendo idênticas para ambas as professoras das turmas pesquisadas. A coleta de dados se deu no segundo semestre do ano de 2016, mais precisamente, no mês de dezembro.

Para uma maior compreensão das referências aos sujeitos e a correlação dos dados, foram utilizadas siglas e nomes fictícios, sendo nomeadas as turmas do maternal II como “A” e “B”, respectivamente, para as turmas da Profª Ana e Profª Bete.

A investigação foi realizada em uma escola privada, localizada em Taguatinga, no Distrito Federal, que conta com uma estrutura física ampla, acolhedora, com salas de aula, laboratórios, ambientes de lazer, auditórios e quadra de esporte. Foi inaugurada em 19 de junho de 2005, para atender crianças com idade de 3 a 16 anos, oferecendo Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e Ensino Médio. As turmas da Educação Infantil são divididas em dois módulos, do Maternal ao Jardim II, anos que antecedem o ingresso ao 1º ano do Ensino Fundamental. No Jardim II, que é o foco da pesquisa, há uma auxiliar e uma professora regente por sala.

Ainda especificamente sobre Maternal II, a escola oferece três turmas, nos turnos matutino e vespertino, disponibiliza de um parque interno e um parque externo com tanque de areia, banheiros adaptados de acordo com a altura das crianças, e um refeitório coletivo para o serviço do lanche.

A decisão quanto à escolha das professoras para participar da pesquisa se deu a partir de uma conversa informal com a coordenadora da Educação Infantil, que indicou quais seriam as professoras a serem entrevistadas: a professora Ana tem 17 alunos e a professora Bete, 25, ambas as turmas no turno matutino, com idades entre 4 e 5 anos. No dia 9 de dezembro de 2016, ocorreram as entrevistas semiestruturadas, com a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, no qual se assegura o respeito às informações e à privacidade de suas identidades.

5 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS PROFESSORAS DAS RESPECTIVAS TURMAS

A amostra reúne relatos de duas professoras da escola pesquisada, ambas atuando na sua turma desde o início do ano. Abaixo segue o quadro com informações sobre as professoras entrevistadas:

Quadro 1 - Informações das Professoras

TURMA A	TURMA B
Prof ^a Ana – 25 anos de idade, graduada em Pedagogia para atuar em séries iniciais em 2014. Possui um ano e meio dedicados à atuação na área da Educação, tendo experiências iniciais como auxiliar de turma, em seguida como monitora e atualmente atuando como professora regente há um ano e seis meses, na mesma Instituição de Ensino.	Prof ^a Bete – 31 anos de idade, graduada em Pedagogia, com Pós-Graduação em Educação Infantil e em Gestão e Orientação Educacional, com 12 anos de atuação na área de educação, dedicados somente à Educação Infantil, também sendo sua trajetória profissional constituída somente nesta Instituição de Ensino.

Fonte: Elaboração da autora.

Iniciou-se a entrevista com a primeira pergunta às professoras regentes da Educação Infantil, Ana e Bete: “Como você define autonomia?”. As entrevistadas responderam, respectivamente:

Prof^a Ana: “é quando a criança realiza tarefas com independência e iniciativa, sem que o professor precise dar o comando”.

Prof^a Bete: “vejo a autonomia na educação infantil em dois aspectos, sendo um Pedagógico e o outro Social. No Pedagógico é quando a criança começa a adquirir conhecimentos e no Social, quando ela defende e expõe suas opiniões”.

Percebe-se, na fala das professoras, clareza acerca do conceito de autonomia, corroborando o que afirma o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 14): “A autonomia, definida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal [...]”.

A segunda questão apresentada às docentes foi: “Como você percebe a autonomia em seus alunos?”. As educadoras foram unânimes na resposta:

Prof^a Ana: “nas tarefas realizadas no dia a dia”.

Prof^a Bete: “no querer emprestar o seu brinquedo, ao expor suas dificuldades na realização de tarefas”.

É perceptível que as professoras estão conscientes do trabalho desenvolvido no ambiente de sala de aula, uma vez que seus alunos respondem aos estímulos provocados nas tarefas realizadas por elas.

Na sequência, lhes foi dirigida a questão: “Como você contribui para a promoção da autonomia através do brincar com sua turma e quais os resultados obtidos?”. As entrevistadas assim se manifestaram:

Profª Ana respondeu: “com a elaboração de atividades dirigidas e múltiplas, onde ocorra a participação de todos, estimulando a organização da sala”.

Profª Bete afirmou: “Procuro sempre não resolver os conflitos deles, busco o desenvolver da sua autonomia, fazendo com que manifestem a vontade deles, intervindo somente quando necessário, mas sempre observando as situações de longe, além de promover atividades lúdicas, como, jogos, deixando-os livres para a escolha de atividades”.

As entrevistadas revelaram em suas respostas que utilizam como ferramenta para o favorecimento da autonomia com seus alunos uma série de atividades direcionadas, nas quais oportunizam expor suas opiniões e desejos.

Foi observado constando no planejamento, que uma vez por semana há o dia do brincar, quando as brincadeiras e jogos ficam à escolha das crianças. Essa dinâmica do dia do brincar reafirma o que Vygotsky (1984) traz sobre a relevância do papel do brincar para a criança na constituição do pensamento infantil. É incontestável que a autonomia desenvolvida pelos educandos possibilita aos professores um retorno positivo no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem.

No dia do brinquedo foi observado também que as professoras proporcionam a todo o momento a seus alunos a oportunidade de lidar com a resolução de pequenas situações de conflito, além de lhes proporcionar o poder de decisão, como por exemplo, a escolha da brincadeira, do querer ou não querer emprestar o brinquedo, ou seja, pôr em prática sua autonomia na resolução de problemas.

Seguindo com a entrevista, quando perguntado às professoras “Como a escola contribui na construção da autonomia através do brincar com sua turma?”, as entrevistadas novamente foram unânimes em suas respostas, afirmando que a escola sempre participa ativamente no processo de construção da autonomia dos seus alunos, sempre em prontidão, auxiliando-as de alguma forma. Quando há dificuldades por parte dos professores e alunos, a direção da escola, quando necessário, interfere com projetos, além do apoio de outros profissionais, como o coordenador da Educação Infantil, o orientador pedagógico e psicólogos:

Profª Ana: “com orientação e direcionamento pedagógico”.

Profª Bete: “a escola contribui diretamente, pois possui uma grade curricular segmentada, ajuda na construção do planejamento anual, se necessário há modificações, além de dar um apoio com orientador, psicólogo, fazendo trabalhos interventivos e coletivos quando há dificuldade e está aberta a inovação”.

Convém aqui recordar Arendt (1972), ao defender que a escola representa para a criança um novo mundo que, em certa medida, reproduz a sociedade na qual ela está inserida e atuará ao longo da vida.

Aqui nota-se como é fundamental o posicionamento da escola com relação a essa temática. O apoio aos professores e alunos na construção da autonomia, através do brincar, passa a ser essencial e de muita eficácia. A depender das intervenções feitas pela escola, poderá conduzir ou então desfazer o caminho percorrido pelo professor para o desenvolvimento da autonomia do aluno.

Segundo estudos de Montessori (1949), o professor é responsável pela disponibilização dos materiais apropriados à criança, permitindo-lhe desafios precisos para que obtenha em seu trabalho diário, sucesso e autoconfiança, elementos que integrarão uma estrutura psíquica autônoma.

Na finalização da entrevista, perguntou-se às professoras o que pensam sobre a autonomia na Educação Infantil como perspectiva para o futuro com relação aos seus alunos. As educadoras responderam que percebem como uma dimensão positiva; contudo, a professora Bete ressalta que existem alunos que possuem uma autonomia mais afluída, e outros, não. Nesse sentido, é importante que exista uma orientação por parte do professor na mediação.

Profª Bete: “Entendo que em alguns momentos a autonomia nesses casos, deve ser dosada [...] sempre mostrando a eles que deve existir o respeito e cuidado com o outro e que eles não têm idade para tomar todas as decisões [...] autonomia demais tem que haver cuidado, porque vivemos em sociedade”.

Diante das respostas, pode-se perceber a importância dada pelas professoras para o desenvolvimento da autonomia dos seus alunos no cotidiano escolar, como um elemento essencial para a qualidade do ensino e da aprendizagem, assim como os ganhos em diversas áreas em seus aspectos sociais, afetivos e cognitivos.

Na observação realizada na escola durante o dia do brincar, ficou evidenciado que a boa relação entre professora e os alunos é uma ferramenta de grande relevância no processo de ensino e de aprendizagem, pois é perceptível a parceria, a cumplicidade, o respeito entre ambos.

Na visão de Barbosa (2006), é fundamental levar em consideração diferentes necessidades das crianças: as biológicas, as psicológicas e as sociais e históricas, gerando uma autonomia e livre acesso a espaços e materiais em sala de aula.

Diante do exposto, parece estar bastante claro que os professores devem ter como foco os objetivos a serem alcançados na Educação Infantil, para assim poderem avaliar as atividades planejadas e suas próprias atitudes, levando em consideração a bagagem que a criança traz, além de cada atividade desenvolvida em sala de aula, tudo isso em função das necessidades dos seus alunos.

Barbosa (2008, p. 75) também considera que “[...] esse espaço deve incentivar e estruturar as experiências corporais, afetivas, sociais e as expressões das diferentes linguagens da criança”, pautado em um planejamento que proporcione todas as atividades necessárias para que a mesma se desenvolva e possa construir novas aprendizagens.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciam a consciência por parte das professoras entrevistadas e da escola em relação à importância do desenvolvimento da autonomia através do brincar na Educação Infantil, confirmando assim a hipótese de que o ato de brincar contribui para o desenvolvimento da autonomia na Educação Infantil e também no processo de ensino e de aprendizagem.

Foi observado também que as estratégias utilizadas pela escola e pelas professoras para o desenvolvimento da autonomia através do brincar ocorrem por meio de atividades direcionadas, como, por exemplo, o dia do brincar, com jogos e outras atividades lúdicas que são oferecidas no cotidiano da escola, permitindo também que os alunos expressem seus sentimentos quanto às atividades realizadas.

No decorrer da pesquisa, foi possível observar, na fala das entrevistadas, que elas acreditam que existindo o acompanhamento e incentivo por parte de todos os agentes educadores, tendo como base o respeito mútuo, o cuidado e um diálogo construtivo, o desenvolvimento da autonomia através do brincar se torna mais prazeroso para o educando.

É importante ressaltar que durante a entrevista realizada com as professoras identificamos que ambas têm como objetivo o desenvolvimento da autonomia dos seus alunos, porém percebemos que a Profª Ana se mostrou um tanto insegura em seu depoimento, enquanto a Profª Bete evidenciou mais autoconfiança em suas respostas. Acreditamos que essa diferença está relacionada com o tempo de experiência de abas em sala de aula.

Quanto aos impactos da autonomia na aprendizagem dos alunos, percebeu-se na fala das professoras entrevistadas o quanto se torna promissor e significativo para o favorecimento de um ambiente proveitoso, oportuno e facilitador para a construção de novos conhecimentos.

O estudo mostrou também que a realidade vivenciada em sala de aula vem se modificando rapidamente com o passar dos anos, sendo que as crianças vivem em um novo contexto. Nesse sentido, os professores acabam vivenciando distintas situações dentro de sala de aula, de modo que um dos maiores desafios encontrados por eles é a questão da aceitação, por parte dos alunos, de regras e limites.

Nesse sentido, vale destacar que essa alteração na realidade das crianças pode ser observada na própria postura dos alunos em responder a um questionamento, ao desenvolver uma ação reflexiva, como o opinar sobre determinado assunto. Tais alterações, na realidade, impactam positivamente no aprendizado não somente do aluno, mas de toda a turma.

Nas turmas pesquisadas observou-se que a construção da autonomia das crianças teve como principal alicerce o respeito mútuo e o cuidado com o outro. Além disso, ficou em evidência o planejamento prévio de atividades que envolvem o brincar e o lúdico, como principal ferramenta para a potencialização da autonomia. Para a construção do planejamento, ficou muito claro que é essencial que o professor esteja sempre avaliando sua postura diante dos desafios da sala de aula e reavaliando suas práticas pedagógicas para, assim, conseguir envolver a todas as crianças em sua proposta pedagógica.

Constatou-se também que um grande diferencial para o desenvolvimento da autonomia do aluno é o envolvimento da escola, em relação ao seu posicionamento, seja ele de forma direta, como no caso de interferir em situações-problema, buscando uma solução para as dificuldades enfrentadas, ou indiretamente, através de projetos pedagógicos.

Além do professor, a instituição de ensino também é responsável pelo desempenho do papel de mediadora na condução dos educandos, porque é nesse espaço que a criança passa uma grande parte do seu dia e tem seus primeiros contatos sociais de interação com a diversidade de realidades e de culturas, sendo assim necessária uma parceria e sintonia com o professor.

Destaca-se ainda que este estudo é apenas um recorte da realidade, constituindo-se um desafio a continuidade da investigação, pois o tema em estudo requer maior aprofundamento.

Conclui-se que o trabalho do professor realizado em parceria com a escola e quando ofertadas atividades através do brincar, com jogos lúdicos, apresenta-se como uma significativa contribuição para o enriquecimento, amadurecimento e favorecimento cognitivo, afetivo e social dos educandos e de forma prazerosa, além de influenciar diretamente no desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem.

A CONTRIBUIÇÃO DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ABSTRACT:

The present study aims to analyze how playing can contribute to the development of the autonomy of students from 4 to 5 years of age in Early Childhood Education, as well as to know the pedagogical strategies promoted by teachers in the classroom with their students. Therefore, this

qualitative field research was carried out in a private school in the Federal District, using as an instrument for data collection the interview and observation. The data analysis and interpretation were performed from a content analysis perspective. We highlight the main data: teacher's conception of the concept of autonomy in Early Childhood Education, how playing can contribute to the achievement of autonomy, the actions carried out by teachers so that learning occurs and their attitude towards the challenges. In this way, it is considered that the performance of the teacher in conjunction with the school is indispensable for the child to find references to achieve success and self-confidence, elements that will integrate his life, thus favoring the development of autonomy, making the child more independent, critical and reflective.

Keywords: To play. Autonomy. Child education. Role of the Teacher

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria C. de; MASETTO, Marcos Tarciso. **O professor universitário em sala de aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ARENDT, H. A crise da educação. In: _____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 221-247.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BATTRO, Antônio M. **Dicionário terminológico de Jean Piaget**. Porto Alegre: Mediação, 1978.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: MEC/SEF. **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 8 out. 2016.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados: Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Atualizada até 8/6/2016. Edição: 12. Ano: 2016, p. 24.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil – RCNEI. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 18 out. 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Lei 12.796, de 4 de abril de 2013, em complemento à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.

CARVALHO, A. M. C. et al. (Orgs.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Portugal: Universidade do Minho, 2006

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GONZAGA, Rúbia Renata das Neves. A importância da formação lúdica para professores de educação infantil. **Revista Maringá Ensina**, n. 10, fev./abr. 2009, p. 36-39.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa, **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MONTESSORI, Maria. **Mente Absorvente**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1949.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE
ENTREVISTA GRAVADA SEMIESTRUTURADA/PROFESSOR

ESCOLA: * TURMA: 3º período ANO: 2016**

1. Dados pessoais:

Nomes: (nomes fictícios)

*Profª *Ana*

*Profª **Bete*

Idade:

** 25 anos*

*** 31 anos*

Qual a sua formação:

** Pedagogia, séries iniciais, formada em 2014.*

***Pedagogia, com Pós-Graduação em Educação Infantil e em Gestão e Orientação Educacional.*

Quanto tempo de atuação na área de educação:

** um ano e meio*

*** com 12 anos, sendo 8 anos como professora regente e 4 anos na Área Administrativa.*

Quanto tempo de atuação nessa escola:

** um ano e seis meses, me formei agora recentemente, iniciando como auxiliar de turma e agora, após um processo seletivo, passei, e hoje estou atuando como professora regente, tudo nessa escola.*

***12 anos de atuação.*

Quanto tempo de atuação no 3º período:

** um ano*

*** oito anos*

2. Como você define autonomia?

** “pra mim a autonomia é quando a criança realiza tarefas com independência tendo iniciativa, ela mesma tendo a iniciativa de realizar aquela determinada coisa, e ter*

independência para conseguir realizar, sem que a professora precise dar um comando para que ela possa fazer”.

*** “a autonomia nos meus alunos, eu vejo tanto na parte pedagógica, como na parte social, eu vejo a autonomia pedagógica quando eles já começam o processo de aquisição do conhecimento, no caso deles, na escrita do nome, no reconhecimento e identificação e nomeação do alfabeto, dos números que são trabalhados; e no social eu vejo a autonomia no sentido de defender e expor suas opiniões, as suas vontades, de verbalizar o que eles querem, eu vejo a autonomia nesses dois aspectos, ou seja, quando a criança já consegue verbalizar suas vontades”.*

3. Como você percebe a autonomia em seus alunos?

** “esse ano foi necessário trabalhar a autonomia dos alunos com mais intensidade, pois as crianças, de modo geral, elas se mostraram dependentes de comandos para realizar as tarefas diárias”.*

*** “na parte da autonomia social percebo principalmente na sexta-feira, que é no dia do brinquedo, eles vão ter a autonomia do querer emprestar ou pedir emprestado o brinquedo, de dizer se vai emprestar ou não, pois não é porque é o dia do brinquedo que eles têm que emprestar; a criança pode não querer emprestar no início da aula e querer emprestar no final, então vejo a autonomia nesse sentido, em dizer que tem facilidade ou não tem, pois muitas das vezes eles não conseguem verbalizar para gente as dificuldades deles e muitas das vezes fica difícil interpretar, e quando eles começam a ter confiança e tem a segurança para expor suas fragilidades, mostrando um respeito e uma admiração pelo professor, fica mais fácil, ou quando o aluno fala para tia – não tô conseguindo, preciso de ajuda. Então vejo a autonomia nesses dois sentidos”.*

4. Como você contribui para a promoção da autonomia através do brincar com sua turma?

** “no dia a dia eu proponho atividades dirigidas e lúdicas, que contemplem a participação de todos, estimulando a organização da sala e também ao final de cada atividade eu peço que eles organizem”.*

*** “Eu vejo assim, procuro sempre não resolver os conflitos deles, existem alguns conflitos que é necessário a intervenção, mas durante a brincadeira não intervenho, quando eles me procuram para resolver mas eu não resolvo porque o amigo não quer emprestar o brinquedo ou foi empurrado pelo outro amigo eu oriento – olha, aconteceu isso mas é você que vai resolver, você deve procurar o amigo e dizer que não gostou, você tem que pedir desculpas, dizer que não achou legal, você vai pedir, - fazendo com que eles manifestem as vontades, então não tento intervir. Eu busco o desenvolvimento da autonomia dos meus alunos, fazendo com que manifestem as vontades deles, então eu não tento intervir em todas as situações, somente aonde é necessário, ou que eles precisem, pois sou a adulta, professora e responsável, mas na maioria das vezes peço para que eles façam e eu fico observando as situações de longe, pois se alguma coisa sair do controle eu estarei ali para poder mediar. Promovo atividades lúdicas, como, além do dia do brinquedo na sexta-feira, temos jogos durante a semana para ver se eles conseguem seguir regras, como solicitar a vez, leitura de história, amostragem de imagens para eles fazerem sequências ou sua própria reconstrução da história, a brinquedoteca, e no final do dia deixando-os livres para a escolha de atividades, desenvolvendo assim sua autonomia verbal, porém tudo observado. Dessa forma eles conseguem desenvolver por si só algumas atividades de alguma forma”.*

5. Como a escola contribui na construção da autonomia através do brincar para sua turma?

* “esse ano, os alunos da minha turma chegaram à escola bem dependentes de tudo e pra tudo; então a gente usa muito o lúdico, muitas brincadeiras direcionadas para que eles tenham e consigam a oportunidade de realizar determinada tarefa; sempre que a gente tem alguma dúvida temos orientação que sugere alguma coisa para a gente tá melhorando o desenvolvimento de cada um; eu amo a educação infantil, pra mim está sendo muito gratificante, pois tenho pouco tempo na área, mas a cada dia é um aprendizado diferente”.

** “a escola contribui diretamente, pois possui uma grade curricular segmentada, temos tudo que precisamos; aqui é tudo muito organizado, quando eu começo o ano eu já sei quais são os planejamentos que tenho que fazer, qual a data que tenho que entregar tudo feito com muita antecedência, para que a Coordenadora possa ter tempo de analisar, para que, se for necessário, possamos fazer as modificações, e assim após 15 dias possamos colocar em prática. A escola nos ajuda muito sempre que necessário na construção do planejamento anual, a Coordenação pede sempre que no planejamento haja histórias, momentos lúdicos, atividades de psicomotricidade, fazer com que as crianças tenham o contato não só no ambiente dentro da sala de aula, mas também ao ar livre, pois a escola tem muitos ambientes, tendo o uso do laboratório, da Ecovilla, aulas iniciadas no Parque. A Coordenação da escola mexe muito nesse sentido de envolver a diversidade; outro ponto que vejo como algo muito positivo na direção da escola é quando a gente planeja e ela sempre dá um respaldo, se foi positivo ou negativo, e tem o cuidado de parabenizar o professor quando há ideias inovadoras, dando sempre um incentivo ao professor que está sempre em busca do novo, e quando tenho algum aluno com necessidades especiais, a escola, junto com a equipe de psicólogos e orientação, faz, quando necessário, a intervenção individual para depois fazer um trabalho interventivo com a turma em geral, sem focar em um aluno”.

Na finalização da entrevista, perguntou-se às professoras **o que pensam sobre a autonomia na Educação Infantil como perspectiva para o futuro.**

* eu acredito que educar uma criança autônoma é positivo, pois ela poderá tomar decisões”.

** “é bom quando a criança tem um espírito de liderança e autonomia, só que eu, enquanto professora, acho que é necessário a gente dosar; é muito bom que ela tenha independência e autonomia para fazer tudo, mas é necessário que ela entenda que em alguns momentos isso não é dela e não é de responsabilidade dela, eu enquanto professora costumo dizer que gosto muito que meus alunos me respeitem e não me temem, porque quando eles têm medo, eles não se aproximam, mas quando eles respeitam, eles amam tanto que o gostar os impede de fazer determinadas ações que possam me deixar triste, então eles passam a ter o cuidado, é isso que eu procuro buscar neles. Eu quero que eles me respeitem e que eles me admirem. Mas as crianças que têm uma autonomia e um espírito de liderança mais aflorada, em determinados momentos se faz necessário que eu mostre para elas que elas ainda não têm idade para tomar determinadas decisões. Existem coisas que a gente dá autonomia e liberdade para elas decidirem, e existem outras que nós adultos, professores e pais é que devemos fazer esse papel: - vai ser dessa forma porque é necessário. Então, quando a criança tem autonomia demais eu acho que devemos tomar cuidado para que ela não extrapole, porque nem nós o temos, pois vivemos em sociedade, e devemos seguir algumas regras; existem coisas que não estão em nosso controle, então é importante passar isso desde a infância, pois acredito que assim será mais tranquilo na sua adolescência”.